

# Os diálogos Brasil-Canadá face à influência cultural norte-americana: a terceira via

Márcio de Oliveira Bahia

*Resumo:* Indubitavelmente, os Estados Unidos são, na atualidade, a maior potência econômica e política do mundo. Tal poderio pode ser facilmente constatado também na área cultural. A língua, o cinema, a música, a literatura e o cotidiano (em âmbito mundial, mas sobretudo nas Américas) encontram-se fortemente marcados pela presença norte-americana. Com este trabalho de pesquisa, procuramos investigar como a contumaz influência dos Estados Unidos permeia as trocas culturais entre o Brasil e o Canadá. Investigamos ainda a reação das sociedades brasileira e canadense (em especial o Quebec) diante de tal influência, utilizando como textos-base duas importantes obras da literatura contemporânea dos dois países: *Salut Galarneau!*, de Jacques Godbout, e *Sangue de Coca-cola*, do mineiro Roberto Drummond. Através de uma perspectiva comparatista das duas obras, desnudamos as dificuldades e desvantagens impostas tanto pela submissão quanto pela guerrilha cultural aos EUA. Diante dos impasses criados por estas duas posturas, vislumbramos ainda a possibilidade de um terceiro caminho, certamente mais frutífero e enriquecedor para as Américas. É o que chamaremos neste trabalho de “A TERCEIRA VIA”.

*Résumé:* Les États-Unis sont aujourd’hui la plus grande puissance économique et politique au monde. Tel pouvoir peut être aussi constaté au niveau culturel. La langue, le cinéma, la musique, la littérature et le quotidien (dans tout le monde, mais surtout dans les Amériques) sont fortement influencés par la présence nord-américaine. Avec ce travail de recherche on essaie de comprendre comme tel influence affect les échanges culturels entre le Canada et le Brésil. On analyse la réaction de la société canadienne et brésilienne à la domination culturelle nord-américaine en utilisant deux oeuvres importantes de la littérature contemporaine des deux pays: *Salut Galarneau!*, de Jacques Godbout, et *Sangue de Coca-cola*, de Roberto Drummond. A travers une perspective comparatiste de ces deux oeuvres, on montre les difficultés et les désavantages imposées soit par la soumission, soit par la guerrilla culturelle aux États-Unis. Face aux impasses créés par ces deux postures par rapport à la culture nord-américaine, on entrevoit une troisième route, sûrement plus profitable et enrichissante pour les Amériques. C’est ce qu’on appellera dans ce travail « LA TROISIÈME VOIE ».

Os Estados Unidos são a maior potência econômica e política do mundo na atualidade. Tal poderio, sem dúvida alguma, estende-se também à área cultural. A língua, o cinema, a música, a literatura e o cotidiano, sobretudo nas Américas, encontram-se atualmente muito marcados pela presença norte-americana. A imponência representativa dos Estados Unidos nas Américas é tão grande que o termo americano passou a ser sinônimo de estadunidense, ao invés de proveniente do continente americano. Ao tentarmos reparar tal distorção costumamos empregar o adjetivo pátrio “norte-americano”, que incorre em um erro tão grave quanto o anterior: ignora completamente os outros países da América do Norte, entre eles o Canadá. Ironicamente, que país poderia ser geograficamente mais norte-americano que o Canadá?<sup>1</sup>

A presença cultural norte-americana no Brasil e no Canadá parece afetar profundamente as trocas culturais entre estes dois países (objeto de estudo do presente trabalho), num processo que chamarei aqui de “eclipsamento cultural”. Como muito bem observaram os escritores canadenses Graeme Gibson e Margaret Atwood em sua introdução a *Desde el invierno* (antologia de contos canadenses originalmente escritos em inglês),

*Los Estados Unidos da América separan a los canadienses de los países y culturas de la América Latina y el Caribe. Cuando miramos al sur – lo que en Canadá hacemos con bastante frecuencia – los Estados Unidos bloquean nuestra mirada. Lo mismo ocurre cuando los latinoamericanos levantan la vista hacia el norte. Como resultado de ello, canadienses - latinoamericanos conocen demasiado poco uno de los otros. (Casa de las Américas, 2000, p. 3)*

Como o próprio nome explicita, o eclipsamento cultural é o processo pelo qual a cultura de um certo povo sobrepuja, ofusca, apaga a visibilidade de outro.

Recentemente, travei o seguinte diálogo em tom informal com uma vizinha que havia conhecido há pouco tempo, no qual ela dizia:

-É, a violência aqui no Brasil tá demais. Eu tenho uma prima que mora nos Estados Unidos que diz que lá é bem mais tranquilo.

-É mesmo? A sua prima mora muito tempo lá nos Estados Unidos?

<sup>1</sup> Apesar da óbvia imprecisão do termo, usarei aqui o adjetivo pátrio *norre-a,nericano* como sinônimo de *estadunidense*, por força da consagração do uso.

Já, já faz muito tempo. E ela diz que não quer mais voltar, não. Se bem que agora, depois desses atentados terroristas...

—E onde é que a sua prima mora lá nos Estados Unidos?

—No Canadá. (!?!)

Intrigado e surpreso pela resposta, principalmente pelo fato da interlocutora ser uma administradora de nível superior com bom padrão sócio-cultural, indaguei:

Mas ela vive no Canadá ou nos Estados Unidos?

E, não é bem nos Estados Unidos...

A informalidade e a naturalidade deste diálogo são bastante reveladoras da representação do Canadá no imaginário de minha interlocutora. O eclipsamento cultural torna o Canadá, para ela, um país que “não é bem os Estados Unidos”, mas que se parece com este, talvez o 51º estado norte-americano. Pude observar o mesmo fenômeno ao assistir à chamada comercial do programa humorístico mais popular do Canadá, *Kids on the hall*, que estava sendo exibido pelo canal brasileiro de entretenimento *Multishow*. O comercial referia-se ao grupo de humoristas canadenses como os “bad boys da América”, “o grupo mais irreverente da América”, numa clara alusão aos Estados Unidos. Em nenhum momento se fazia referência ao Canadá, como origem do grupo de humoristas.

A face mais cruel do processo de eclipsamento cultural, entretanto, é aquela na qual a indústria de entretenimento força a “americanização” de um determinado produto para que ele possa ser consumido no restante das Américas. A cantora quebequense Céline Dion, por exemplo, só se tornou celebridade mundial ao começar a cantar em inglês e conquistar o mercado fonográfico norte-americano. Para os brasileiros em geral, Céline Dion é a cantora de baladas românticas norte-americanas, imediatamente relacionada à cultura estadunidense. O grande público em nosso país não conhece uma canção sequer da artista francófona, que há anos encanta o povo quebequense em sua língua materna. A visibilidade e o acesso a outros artistas canadenses, como a cantora Alanis Morissette e o ator Jim Carrey, só são possíveis no Brasil a partir da inserção dos mesmos na máquina industrial de entretenimento norte-americano.

Há algum tempo, recebi uma ligação de meu irmão que ilustra muito bem o fenômeno aqui exposto. Com um sentimento misto de tristeza e irritação, o mesmo me disse que havia visto um programa na MTV brasileira, onde se anunciava uma nova cantora internacional que havia alcançado sucesso com uma canção incluída em uma novela televisiva. Tratava-se da cantora quebequense Lara Fabian (lê-se “Larra Fabian”, nome francês). Demonstrando total desconhecimento da origem da cantora, a apresentadora tentou caprichar no sotaque inglês, americanizando o nome

tanto quanto possível. A cantora foi então apresentada como artista anglófona (algo como "Lera Feibian"), interpretando mais uma balada romântica ao estilo norte-americano. Com certo pesar, meu irmão concluiu dizendo que aquela cantora, que estava ali sendo apresentada ao público brasileiro, definitivamente não era a mesma artista que ele conhecera e de quem aprendera a gostar quando teve o privilégio de viver em Montreal. E realmente não era! A música era diferente, a língua era diferente e até mesmo o nome da cantora era diferente!

Obviamente é necessário sublinhar o quanto o processo de eclipsamento cultural é prejudicial às migrações e transferências de conceitos através das Américas. O fenômeno aqui apresentado e largamente ilustrado representa um empobrecimento real às possibilidades de trocas culturais entre o Brasil e o Canadá, bem como entre os outros povos do continente americano. Ao invés de contemplarmos a diversidade de línguas e o mosaico cultural presente nas Américas, normalmente conseguimos fixar o olhar apenas na identidade brasileira e norte-americana. Vamos ao cinema apenas para assistir a filmes brasileiros ou norte-americanos. Ouvimos apenas música brasileira ou norte-americana. Viajamos apenas para o Nordeste ou para a Flórida. Para a sociedade quebequense o quadro não é muito diferente, e talvez seja até mesmo agravado pelo fato do Quebec ser uma ilha de francofonia cercada por influência anglófona de todos os lados (razão pela qual escolheremos a província do Quebec para concentrarmos nossa análise). Como as sociedades quebequense e brasileira, mesmo com histórias e perfis tão diversos, enfrentam a presença marcante do poderoso vizinho? Existiriam fatores de interseção quanto à reação das duas sociedades frente à dominação cultural norte-americana? Em meus estudos acerca da questão foram se delineando certas constantes que sugerem a existência de um sentimento dual, até mesmo antagônico, em relação à cultura estadunidense. As duas posturas aqui apresentadas são exemplos extremos, de efeito quase didático, faces opostas da mesma moeda. Uma confrontação empírica, entretanto, poderá apresentar sutilezas e estágios intermediários entre estes dois extremos, revelando nuances de maior complexidade do que as expostas no presente trabalho.

Para ilustrar a dicotomia aqui proposta, foram escolhidos panfletos publicitários, bem como foram analisadas obras literárias que de certa forma lidam com a questão da presença cultural norte-americana nas sociedades quebequense e brasileira. O caráter ilustrativo de panfletos publicitários evidencia-se pela linguagem direta, imediatizada, onde o objetivo principal é vender um produto ou uma idéia. Para tal, muitas vezes, tenta-se persuadir através do recrudescimento de sentimentos e idéias já existentes no imaginário de nossa sociedade. O uso da literatura, por sua vez, justifica-se

por esta ser um dos mais fortes meios de representação de conceitos, idéias e estilos de vida próprios de cada sociedade (ou pelo menos de fatias da sociedade) em determinada época.

As duas posturas aqui propostas em relação à cultura norte-americana serão chamadas de “maravilhamento” e “guerrilha cultural”, respectivamente. Diante dos impasses ocasionados por estas duas posturas, apresentaremos uma terceira possibilidade para as negociações culturais nas Américas.

## a) Maravilhamento

“Ganhe um GREEN CARD Americano. Leia este folheto e descubra como [...]

Imagina só... Você e sua família podendo viver o ‘Sonho Americano’.

Você já desejou alguma vez se mudar para a América do Norte?

Você já teve alguma vez vontade de morar e trabalhar nos Estados Unidos?

Agora você pode!”

O texto acima foi extraído de uma mala direta, onde é possível identificar alguns dos elementos característicos do que chamo aqui de atitude de “maravilhamento”. O olhar direcionado ao poderoso vizinho do Norte é de deslumbramento e admiração. *Viver o sonho americano*, como explicita o panfleto, é o ideal máximo almejado por aqueles que desejam viver no Éden das Américas. O fascínio exercido pelo estilo de vida norte-americano parece ser uma marca comum às sociedades quebequense e brasileira. Em *Salut Galarneau!* do ensaísta, poeta, romancista e cineasta quebequense Jacques Godbout, o personagem que dá nome à obra nos deixa entrever a marca de tal admiração em vários momentos do romance. François Galarneau é um homem comum, vivendo durante os agitados anos 60 em plena Quebec da Revolução Tranqüila<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Famoso movimento que transformou profundamente a sociedade quebequense a partir dos anos 60, sobretudo nos âmbitos político, cultural e econômico.



Apesar de aparentemente ser um quebequense absolutamente mediano, Galarneau é dotado de uma visão crítica, ácida e por vezes sarcástica do mundo em que vive. Galarneau observa:

*C'est même Marise qui est allée, mardi dernier chercher les deux gros cahiers bleus chez Henault's Drugstore (ii aurait pu appeler ça la Phar,nacie Hénault, le sacrement, mais ii est tellement content, Hénault, de savoir parler anglais que si sa femine lui dit: je t'aime plutôt que **I love you**, ii ne peut pas bander. Colonisé Hénault[. . .]*

(Godbout, 1967, p. 57).

O olhar crítico de Galarneau, que condena o americanismo do Senhor Hénault, não o isenta de demonstrar, alguns capítulos mais tarde, ao ser abandonado pela namorada Marise, seu enlevo pela sociedade norte-americana: *Us ont raison. Les Américains, ça pense à tout. C'est un grand peuple, une beile nation. Sij 'avais été instruit, je me serais fait américain. Si j'avais été américain, j'aurais été instruit. Pais riche. Marise m'aurait aimé.* (*Ibid*, p. 141).

Quanto a esta questão, o romance brasileiro *Sangue de Coca-Cola* apresenta alguns elementos contundentes do encanto exercido pelo sonho americano no povo brasileiro. Criado pelo renomado escritor mineiro Roberto Drummond e primeiramente publicado em 1980, *Sangue de Coca-Cola* é um retrato carnavalizado e onírico da sociedade brasileira dos anos 60 aos 70. Em um enredo multinucleado, o autor cria estórias chocantes, viscerais, que se entrelaçam e se complementam. Como o próprio nome sugere, durante todo o romance, pode-se perceber a presença contumaz dos Estados Unidos em nossa sociedade. Na incrível galeria de personagens elaborada pelo autor, uma é de particular interesse para os nossos estudos. Trata-se de Vera Cruz Brasil (nome claramente metafórico), enfermeira fisioterapeuta que resolve alisar e alourar o “cabelo de bombрил” (como a própria personagem o define), e decide abandonar Nossa Senhora Aparecida para tomar-se devota da Santa Coca-Cola:

*[...] meu nome é Vera Cruz Brasil, mas meu codinome ou nome de guerra ou nome de paz ou nome artístico ou nome de ilusão, é Julie Joy, se bem que eu gostaria era de me chamar América, porque eu acho que se eu chamasse América e olhasse o mundo lá de Manhattan, eu não ia ter essa tristeza como tem hora eu tenho [...] mas eu me chamo é Vera Cruz Brasil mesmo, só que eu estava cansada da cruz da minha vida que eu carrego, então eu*

*alourei meu cabelo e passei a me chamar Julie Joyl...] porque eu achei que o nome de Julie Jov ia mudar minha vida, e agora, nesta hora em que a Santa Coca-Cola que é a minha santa do coração e de devoção, a minha padroeira, porque eu me desiludi com Nossa Senhora Aparecida, agora nesta hora em que a Santa Coca-Cola vai me ajudar e eu vou pra América, ser enfermeira de Mister Jones, eu alouro meu cabelo dia sim, dia não, com o Super-Azul da L'Oreal de Paris e não faço mais o que eu mais amo, que é ir à praia, pra não me queimar de sol, e eu ainda passo água oxigenada na pele, que é pra quando eu chegar na América e Mister Jones me olhar, ele não ficar me olhando torto achando que no fundo do meu coração eu sou uma negra.*

(Drummond, 1998, p. 36).

É importante notar a aproximação existente entre Vera Cruz Brasil e François Galarneau. A tentativa de superpor pele alva à pele morena, cabelos louros a cabelos escuros e a troca de Nossa Senhora Aparecida por uma emblemática Santa Coca-Cola, no caso de Vera, bem como o desejo de ter nascido norte-americano, ao invés de quebequense, no caso de François, nos apontam um processo de aniquilamento da própria identidade. Neste tipo de postura, o objetivo é inserir-se no sonho americano a qualquer preço. A americanização é aqui levada às últimas conseqüências e perseguida como único caminho para a felicidade.

## b) Guerrilha Cultural

“Abaixo o imperialismo! Fora ianques da América Latina!

Em sua atual e aguda crise, o imperialismo, sob hegemonia dos Estados Unidos, em seu afã por garantir os trilhádários lucros lança-se na mais vil disputa pelos escassos mercados e aprofunda ainda mais a opressão sobre nações e os povos do mundo inteiro. Ou não é por isso que lança o bombardeio assassino sobre o Iraque, sobre a Iugoslávia, matando milhares de crianças? Ou não é por isso que invade países, subjuga nações e lança suas hipócritas “ajudas humanitárias” nos países que domina? Não por outro motivo esperneia e agoniza para todos os lados tentando sair de mais uma crise, fazendo como prática corriqueira o assassinato, a tortura e mais exploração. Isso é a verdadeira face do imperialismo, propaganda de belas mulheres brancas, “do livre consumo”, e o mundo “encantado dos filmes de Hollywood”, mas na realidade violência, assassinato e humilhação para os povos. Morte ao imperialismo! Viva a resistência dos povos em Luta contra a dominação imperialista!”

O texto acima foi reproduzido *ipsis literis* de uma publicação estudantil distribuída ao corpo discente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Apesar do tom revolucionário típico dos movimentos estudantis esquerdistas das décadas de 60 e 70, o panfleto data de abril de 2001 e vem recheado de fotos que mostram manifestantes queimando a bandeira norte-americana. Os detalhes das fotos não revelam jovens muçulmanos expressando seu ódio aos Estados Unidos (como pesarosamente observamos no momento político atual), mas sim biotipos tipicamente brasileiros em frente ao tradicional Mercado Central de Belo Horizonte.

Segundo a perspectiva da guerrilha cultural, os Estados Unidos seriam uma nação vil e opressora e, portanto toda a influência norte-americana deveria ser rechaçada, aniquilada de nosso meio.

Em *Salut Galarneau!*, o personagem principal expressa durante vários momentos o seu incômodo e desconforto em relação à dominação cultural e econômica norte-americana. Além da influência lingüística já citada no episódio do Senhor Hénault, François Galarneau freqüentemente revolta-se contra a cultura estadunidense. Ao refletir sobre o livro que pensa escrever, Galarneau pondera: "*Pourquoi faire un livre? Pour le vendre à Hollywood? Stie. Ils nousfont assez de tort avec leur maudit cinema*". (Godbout, 1967, p. 29). Em outro momento Galarneau se sente vítima de uma guerra: "*Le général Motor a consulté le général Electric, ils se sont dit: nous alions dominer l'Amérique*" (*ibid*, p. 73). Tanto François Galarneau, quanto o movimento revolucionário estudantil do panfleto expressam sua insatisfação e alinham-se quanto à animosidade em relação ao poderio cultural e econômico dos Estados Unidos.

Em *Sangue de Coca-Cola*, a imagem mais forte de tal animosidade pode ser percebida nas palavras de um dos personagens, Camaleão Amarelo, pouco antes de morrer:

*Agora eu sei, Tati, que nunca vou poder assistir com você um comício do PCI em Roma: eu estou morrendo, Tati. Eles me mataram, eu estou sangrando e morrendo. E eu provo um pouco do meu sangue: tem gosto de Coca-Cola, Tati, e eu descubro que isso é a causa de tudo de ruim que aconteceu comigo e com o Brasil. Porque o Brasil também tem sangue de Coca-Cola...*  
(Drummond, 1998, p. 320).

Aqui a metáfora é imediata. Os Estados Unidos representados pelo sangue de Coca-Cola são uma doença, uma bactéria que mata, que enfraquece e destrói. São a causa de tudo de ruim que aconteceu com o Camaleão Amarelo e com o Brasil.

A aversão à sociedade norte-americana apresenta-se, neste tipo de postura, acompanhada de intolerância e ódio, sem deixar espaço para o diálogo e a troca. O objetivo é a destruição do dominador, num tipo de encontro infrutífero e traumatizante.

### e) A 3ª via

É interessante notar que as duas obras aqui estudadas (*Sangue de Coca-Cola* e *Salut Galarneau!*) são repletas de personagens que ao mesmo tempo em que rejeitam a dominação cultural norte-americana, deixam entrever a importância desta em sua própria formação. A lista de referências culturais estadunidenses nos dois romances é imensa: Rock Hudson, O poderoso chefe, Pato Donald, O homem de seis milhões de dólares, Jack Nicholson, Mandachuva, Frank Sinatra, Fred Astaire, Dons Day, Mulher Maravilha, Douglas Eairbanks Jr., Johnny Weismuller, O incrível Hulk, Robert Redford, Jackie Kennedy e muitos outros. Muito provavelmente o leitor conhece todas, ou quase todas, as referências culturais aqui listadas. Elas são tão familiares que já fazem parte, de uma forma ou de outra, de nossa própria constituição, freqüentemente nos remetendo a pessoas, épocas e lugares constituintes de nossa história de vida. Essa talvez seja a saída para a problemática da avalanche cultural norte-americana: ao invés de seguirmos a subserviência ou a guerrilha cultural em relação à cultura estadunidense, seguiríamos uma terceira via, onde as trocas culturais entre as Américas seriam de fundamental importância para a construção de sociedades mais ricas e diversas do ponto de vista cultural. Neste contexto, Brasil e Canadá despontam como duas grandes nações americanas (conotativa e denotativamente falando), cujos laços de cooperação são primordiais para que haja um maior dinamismo nas migrações e transferências de conceitos através de nosso continente.

Jacques Godbout, em uma conferência intitulada “L’idée de pays”, realizada na Universidade de Ottawa, ressalta a importância da diversidade de pontos de vista para o povo canadense:

*L’Europe a une chance qui ne nous est pas donnée: les multiples télévisions nationales dans des langues étrangères vont, pendant un certain temps, protéger la diversité des points de vue. Quand nous aurons droit aux programmes*

*allemands, sué-dois, espagnols ou italiens, il sera déjà trop tard. Les Canadiens seront tenfermés dans le cocon tissé par/e reseau nord-americain. Marketing.*

(Godbout, 1998, p. 47).

Sintomaticamente, nenhum dos povos citados pelo autor encontra-se no continente situado ao sul dos Estados Unidos, o que nos demonstra o quanto ainda são tênues os laços que ligam o norte e o sul das Américas. As possibilidades reais de reversão deste quadro são mais do que animadoras: núcleos de estudo canadense se espalham por instituições de ensino superior por todo o país e recentemente foi inaugurado o primeiro centro universitário de estudos e de pesquisa sobre o Brasil no Canadá<sup>3</sup> (certamente o primeiro de muitos outros que virão despertar e estimular a visibilidade e o interesse da comunidade canadense por nosso país).

A aproximação cultural Brasil-Quebec-Canadá-Américas, portanto, é fundamental para o estabelecimento de uma nova ordem onde o Canadá não pareça ser o 51º estado norte-americano; onde Lara Fabian possa ser Lara Fabian; onde os humoristas do *Kids on the hall* possam ser identificados como um grupo canadense; onde crianças de todas as Américas possam se encantar, por exemplo, com o mundo fantástico de Monteiro Lobato; onde nossas listas de referências culturais sejam mais plurais; onde as culturas e as línguas que formam a rica diversidade de nosso continente possam circular em todos os sentidos, de norte a sul, de leste a oeste das Américas. E onde todos nós possamos voltar a ser chamados simplesmente de "americanos".

## Referências Bibliográficas

- BERND, Zilá (Org.). *Interfaces Brasil-Canadá*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. p. 97-118.
- CASA DE LAS AMÉRICAS julho-setembro. Havana: Ed. Casa de Las Américas, 2000. p.3-4.
- DRUMMOND, Roberto. *Sangue de Coca-Cola*. São Paulo: Geração Editorial, 1998.
- GODBOUT, Jacques. *Salut Galarneau!* Montreal: Éditions du Seuil, 1967.

<sup>3</sup> Centre d'études et de recherches sur le Brésil. inaugurado em 06 de setembro de 2001 na Université du Québec à Montréal (UQAM).

— *L'idée de pays*. Ottawa: Les presses de l'Université d'Ottawa, 1998. p.47.

SANTOS, Luiz Alberto Brandão e PEREIRA, Maria Antonieta (Orgs.). *Trocas Culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Pós-lit/NELAM/FALE-UFMG, 2000. p. 143-150.